

VOTO E POVO

Antônio Álvares da Silva

Professor titular da Faculdade de Direito da UFMG

Ouve-se muito dizer que o voto, enquanto voz do povo, é o instrumento de transformação e mudança social. A ele se referiu Frei Beto recentemente e o Ministro Marco Aurélio sempre clama pela escolha certa através do voto.

Acontece que o voto não pode ser visto isoladamente. Está num contexto de instituições, cuja dinâmica é a síntese e a harmonia de diferentes fatores.

Leslie Lipson afirma, em seu famoso livro *A Civilização Democrática* que política é um duelo permanente entre princípios que se colocam como valores para ação e a capacidade de realizá-los concretamente. Da razão entre estas duas forças há um cociente que é o equilíbrio democrático e a grandeza das instituições.

Karl Popper, também grande pensador, disse em seu livro *Em Busca de um Mundo Melhor*, que a maior virtude da democracia é fazer a transição do poder sem derramamento de sangue. E o voto é o meio pelo qual se faz esta transição.

Mas, para votar, temos que ter candidatos que sejam capazes de corresponder a nossas expectativas. E aqui começam as dificuldades. Se não há pessoas que mereçam ser escolhidas, de que vale o voto e o desejo de mudar?

Já se disse que nas democracias vivemos sob a ditadura dos partidos. São eles quem escolhe os candidatos a Presidente da República, que é a magistratura máxima no regime presidencialista. O povo, pelo voto, apenas adere ao que já selecionado por assembleias minoritárias.

Pouco traz à discussão dizer que os partidos são representantes do povo. Em toda representação há uma quebra ou diminuição da vontade de quem outorga a representação e daquele que a exerce. Principalmente em democracias ainda não plenamente maduras, em que políticos mudam

de partido cujos objetivos políticos, nada mais são do que jogos de interesse, troca de cargos e negociação de favores.

A política é inconstante, variável, movediça e instável. Mas é ela que dá a dinâmica da democracia, administrada pela solidez das instituições do Estado, basicamente através de seus três poderes. Mesmo que mudem de titulares, não muda a finalidade num regime democrático verdadeiro, que é servir o povo e tornar mais feliz e agradável a vida de todo mundo.

Onde há estadistas precisamos menos do Estado. As grandes democracias se fizeram através de grandes homens: Lincoln, De Gaulle, Adenauer, Churchill. Estadista não é apenas um candidato que se elege, mas um político que seja capaz de transformar em realidade um mundo melhor que tanto desejamos.

Vamos votar nas próximas eleições. Temos estadistas apresentados pelos partidos à nossa escolha? Quem deve responder é o povo através do voto.